

Cadernos de estágio

Ser professor: uma reflexão a partir das vozes que ecoam na sociedade

Bianca Pedron Cassol ¹

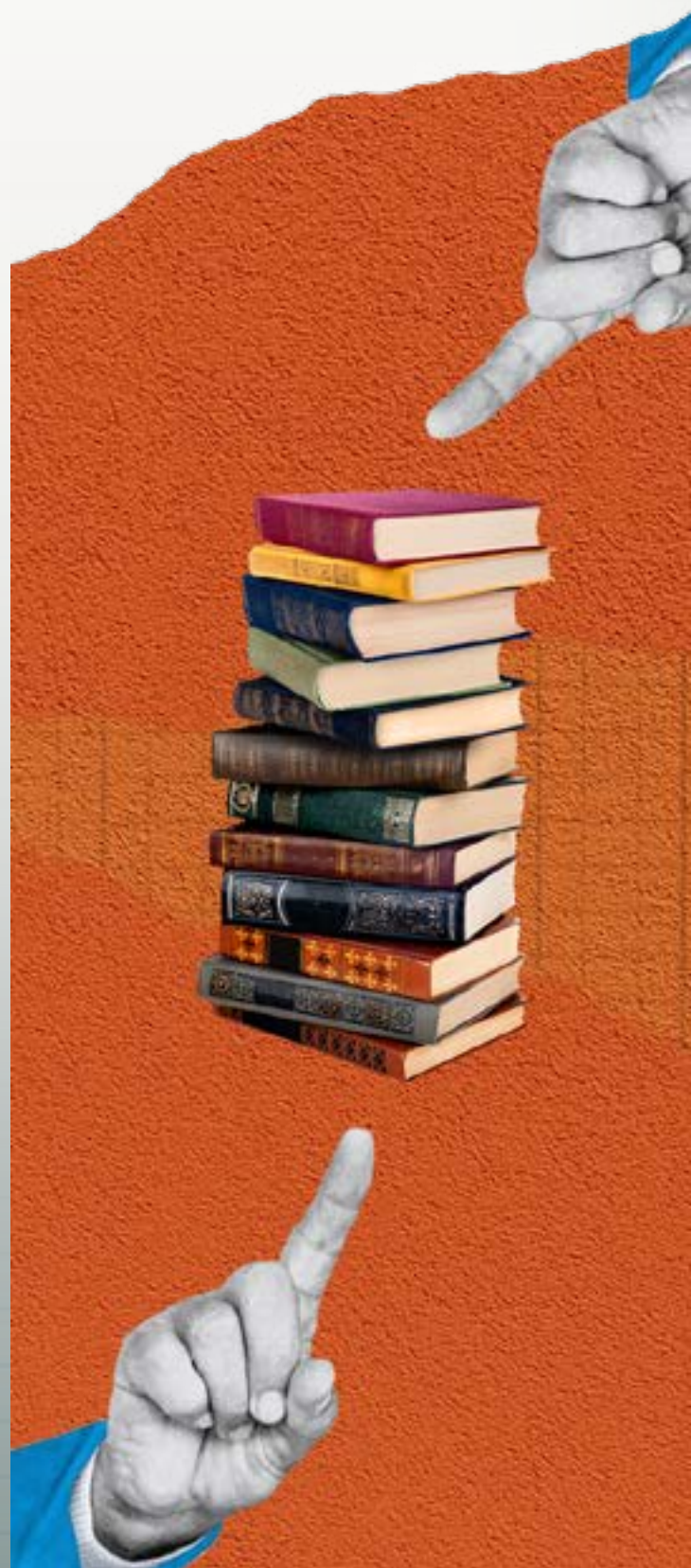
Luciane Todeschini Ferreira

Informações

1 bpcassol2@ucs.br

Como citar este texto

CASSOL, Bianca Pedron; FERREIRA, Luciane Todeschini. Ser professor: uma reflexão a partir das vozes que ecoam na sociedade. Cadernos de Estágio, v. 7, n. 2, 2025. DOI: [10.21680/2763-6488.2025v7n2ID39335](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2025v7n2ID39335).



Ouvir constitui-se como uma habilidade primordial para um professor: no seu cotidiano, é necessário que o docente ouça a equipe diretiva, a comunidade escolar, seus colegas de trabalho e, em especial, os educandos. Ouvir não significa, no entanto, uma tarefa estática, em que o educador fica imóvel a escutar seus colegas compartilharem suas experiências com determinada turma, enquanto, na verdade, está a pensar em outras tarefas que precisa cumprir.

No contexto deste estudo, ouvir recebe uma significação mais específica, aproximando-se das reflexões de Carbonara (2016), que considera imprescindível, em uma situação de diálogo, que estejamos abertos a ouvir aquilo que ainda nos é desconhecido. Sendo assim, ouvir é, por exemplo, acolher as manifestações dos demais professores; é receber as novas ideias de projeto da equipe diretiva e dos colegas de trabalho, criando um espaço de troca de saberes e vivências; é assegurar ao estudante que, antes de tudo, ele é um ser humano e que, portanto, carrega para a sala de aula todos os seus sentimentos e conhecimentos prévios de mundo, que merecem ser acolhidos e respeitados.

Em consonância a essa perspectiva, a disciplina Estágio I em Línguas e Literaturas do Curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade de Caxias do Sul objetiva que o graduando seja capaz de analisar a realidade escolar educacional, promovendo seu contato com as

múltiplas vozes que fazem parte desse processo: as famílias, os professores, os funcionários da escola, os educandos, a comunidade e os documentos legais que regem essas instituições.

Com vistas a esse fim, a disciplina contempla atividades teórico-metodológicas e práticas, com aulas expositivo-dialogadas e visitas técnicas aos ambientes a serem observados (escola e sala de aula). Os levantamentos e discussões suscitadas nessa disciplina servirão de subsídios para os demais estágios previstos no currículo universitário, os quais são: Estágio II em Língua Portuguesa (em que o graduando ministra aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II – 6º ao 9º ano); Estágio III em Língua Portuguesa (em que o graduando ministra aulas de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio); e Estágio IV em Literaturas de Língua Portuguesa (em que o acadêmico desenvolve e ministra oficinas em Literaturas de Língua Portuguesa para a comunidade).

A seção a seguir apresentará um recorte de um trabalho desenvolvido durante a disciplina de Estágio I em Línguas e Literaturas, cuja temática central era as “Vozes da Educação”. O objetivo estabelecido pela docente, na disciplina, era que, a partir de pesquisas em meios diversos (artigos acadêmicos, entrevistas, redes sociais, sites da internet e filmes) fosse produzida uma reflexão a respeito do que a sociedade brasilei-

ra pensa sobre a educação e sobre o ser professor: qual imagem tem-se desse profissional?; como ele é visto pelos outros e por si próprio? Nesse primeiro contato direto do graduando com o ambiente educacional torna-se relevante avaliar e ouvir as vozes que ecoam na sociedade, para que, a partir delas, ele possa ter maior clareza sobre sua identidade e suas perspectivas quanto futuro educador.

Apresentar-se-á, portanto, um recorte do trabalho desenvolvido dando um enfoque especial à maneira como o professor é retratado em alguns contextos, a saber: a) no filme “O Substituto”, 2011, dirigido por Tony Kaye; b) em uma postagem feita no instagram por uma professora; c) em uma publicação feita no portal de notícias UOL (2016) e outra feita no Portal Futura (2023).

AS VOZES QUE CONSTITUEM O SER PROFESSOR

O que é ser professor? Dessa forma, isolada e sem muitos complementos, a pergunta provavelmente receberá uma multiplicidade de respostas. Não é necessário ir muito longe para que se perceba as diversas formas como a comunidade enxerga a docência: analisando as publicações online e os filmes já é possível identificar as nuances que cercam essa temática.

Se comumente na tela do cinema o educador é retratado como um herói

que muda a vida dos educandos a partir do vínculo que estabelece com eles e, muitas vezes, renega momentos de lazer e utiliza dos próprios recursos financeiros para organizar suas tarefas pedagógicas, no filme “O Substituto”, lançado em 2011 e dirigido por Tony Kaye, o “ser professor” está envolto em uma teia de complexidades. Em uma das primeiras cenas, o protagonista Henry Barthes, ao falar de sua profissão, evidencia:

A maioria dos professores aqui, em determinado ponto, acreditava que podia fazer a diferença. Eu sei como é importante ter um rumo e também ter alguém que possa ajudar a entender as complexidades do mundo em que se vive, eu mesmo não tive isso quando era criança (O Substituto, 2011, 3:22).

Apesar do anseio que os profissionais da educação têm pela mudança que são capazes de realizar, o filme não glamouriza a docência, bem como não exclui outras dificuldades da profissão para exaltar a diferença que o educador pode promover na vida do sujeito. Todas essas questões que permeiam o ser professor (o desejo pela mudança, o acolhimento ao estudante, a importância do ouvir, a frustração de não ser visto pela sua equipe, a sensação de estar lutando sozinho e de estar fracassando) todo esse emaranhado de sentimentos faz o filme distanciar-se de uma romantização da profissão e aproximar-se crua e diretamente da realidade.

Tendo como fio condutor a vida de Henry Barthes – professor substituto

em uma escola pública –, o espectador vê, aos poucos, a trajetória pessoal e profissional do protagonista mesclar-se com muitas outras vidas presentes na instituição escolar, indo desde a figura da diretora até os próprios educandos; pessoas que, assim como ele, também carregavam dentro de si seus medos, inseguranças e conflitos. Todas essas questões que estão alojadas nesses indivíduos acabam, evidentemente, eclodindo no espaço escolar. Isto é, todos esses conflitos pessoais também se fazem presentes no processo ensino-aprendizagem.

4 Nesse cenário, um gesto que parece simples – o ouvir – mostrou-se suficiente para a criação de um vínculo e de um sentimento de pertencimento para aqueles estudantes, cujas histórias revelaram a negligência que eles vivenciavam em suas casas: esses jovens não eram ouvidos pelos pais e sentiam-se pressionados a seguir o caminho planejado pelos adultos, vendo suas necessidades serem postas de lado, sem nenhuma consideração. Nesse caso, o docente tornou-se a única pessoa que parecia, de fato, enxergá-los em meio à multidão, oferecendo-lhes algo que, até então, não tinham: voz!

Transitando dos filmes para os veículos de comunicação online, o perfil do

docente costuma estar atrelado à paixão e à esperança. O site UOL, por exemplo, publicou, em 2016, como forma de comemoração ao Dia do Professor, uma matéria intitulada “O que é ser professor para você?”, que reuniu as respostas dos comentaristas do Jornal da Cultura a essa pergunta. Aqui, as vozes uniram-se em uníssono e podem ser traduzidas por uma única palavra: amor.

Ser professor é apostar na esperança. É trabalhar com algo que não está pronto ainda. É entender-se parte de um processo de transformação. Ser professor é uma função de aposta no futuro. Ser professor é uma capacidade de observar a plenitude do ser ainda na sua fase inicial. E, acima de tudo, de controlar seu narciso para apostar num indivíduo que possa se desenvolver (Karnal, 2016, online)¹.

Professor é aquele que partilha o que sabe, procura o que não sabe, pratica o que ensina, pergunta o que ignora e vai em busca daquilo que é a capacidade de não ser exclusivo. Isso é a docência: uma maneira de existir. Não é só uma profissão. Por isso, ela tem em si a palavra doce (Cortella, 2016, online).²

Com os relatos descritos até aqui, torna-se perceptível que há uma visão unânime da docência: repete-se a ideia do professor que marca o educando, que é capaz de transformá-lo. Apesar disso se constituir como uma verdade parcial, há muitos outros fatores intrínsecos na profissão que acabam sendo “sombreados” por essa visão mais positiva. Nesse

1 Resposta de Leandro Karnal à pergunta “O que é ser professor para você?” feita pelo Portal UOL e publicada em 15 de outubro de 2016.

2 Resposta de Mario Sergio Cortella à pergunta “O que é ser professor para você?” feita pelo Portal UOL e publicada em 15 de outubro de 2016.

sentido, o filme mencionado anteriormente, “O Substituto”, vai além quando não mostra a equipe escolar apenas como os heróis que, magicamente, salvam vidas. Não, esses profissionais também têm seus conflitos pessoais e momentos de descrença na docência, em especial frente à resistência das famílias em participar dos eventos da escola e ao comportamento dos educandos. Para exemplificar, pensemos na cena em que a orientadora educacional, Dra. Doris Parker, dialoga por telefone com o responsável de um educando que apresenta alguns problemas comportamentais na sala de aula. Frente à colocação da orientadora, o adulto culpabiliza a escola por não saber lidar com o adolescente que, segundo a família, teria déficit de atenção. No entanto, o déficit não foi diagnosticado e, pela fala do responsável, o interesse do adulto seriam os benefícios que ele receberia (um notebook grátis). Segue-se à cena, um desenho feito a giz em uma lousa verde em que a Dra. Doris Parker é enforcada pelo fio do telefone.

Outra situação marcante no filme foi o evento “Noite dos Pais” promovido pela escola e que, no entanto, não teve adesão por parte das famílias. Diante disso, Henry enfatiza como a falta de participação das famílias pode ser, antes de tudo, a origem de tantos outros problemas enfrentados no cotidiano da escola: “Na verdade eu me senti em casa, só não estavam os pais. Eu achei

muito apropriado, foi como o momento de revelação da realidade do maldito problema pra começar” (O Substituto, 2011, 1:18:55).

Ao mostrar essa faceta da profissão, o filme criou uma visão mais humanizada do docente, revelando as fragilidades que esses profissionais vivenciam em momentos específicos de suas carreiras, sentindo-se, inclusive, impotentes diante de algumas situações. Portanto, esse mosaico de sentimentos não é uma tarefa fácil, como pode parecer à primeira vista. Pelo contrário, como reforçado durante o filme, todos estão lidando com suas próprias escolhas e frustrações diariamente; mas, às vezes, essas vozes de medo, angústia e ansiedade conseguem encontrar e reconhecer na palavra de alguém – o educador, por exemplo – um sentimento de segurança e conforto; um momento em que as angústias de um encontram acalento na voz do outro.

Essa discussão acerca dos problemas que envolvem a profissão docente foi reforçada pela matéria do Portal Futura (2023) intitulada “Dia do professor: apesar dos desafios, 8 em cada 10 escolheriam a profissão de novo”. Nesse texto, a autora Tamiris Almeida descreveu, de forma sucinta, os resultados da pesquisa de opinião realizada pela Organização não governamental (ONG) Todos pela Educação, em parceria com o Instituto Península, Itaú Social e Profissão Docente, no ano de 2022, com mais de 6,7 mil educadores de escolas públicas

de Ensino Fundamental e Médio em todo Brasil.

Em consonância com os resultados da pesquisa e cenas retratadas no filme utilizado como fonte, percebe-se que os desafios começaram a ganhar fôlego e fizeram barulho atrás das vozes calorosas do afeto. Isso foi ainda mais evidenciado quando a professora de Educação Infantil da rede municipal do Rio de Janeiro, Isabela Pereira Vique, foi ouvida: “Sinto que a falta de confiança tem se instaurado cada vez mais na função docente. Outro ponto de atenção são as dificuldades estruturais, como fazer passeios para lugares mais longes e ter turmas muito grandes para apenas uma professora, por exemplo” (Vique, 2023)¹. Aqui, portanto, o filme “O Substituto” deixa de ser meramente ficção e acaba tornando-se muito semelhante à realidade.

O cansaço da classe docente também recebe atenção nas redes sociais. No instagram é possível encontrar uma série de posts nos quais educadores relatam algumas de suas experiências na sala de aula. Em postagem, uma educadora trouxe reflexões que conversam intimamente com as ideias abordadas anteriormente. Na publicação, brincou com todas as situações “básicas” que os professores enfrentam diariamente: “fazer parte de um filme com uma produção, por vezes, explosiva” (referindo-se às brigas que acontecem entre os educandos); “responder sempre ao ‘por quê?’”;

“Manter os pés no chão, encontrar soluções quando sentes que toda turma está a perder o controle”; “Os fins de semana são sagrados... nada como dedicar o domingo a planejar aulas e a corrigir trabalhos”; “Quando tens de encontrar a melhor forma de ensinar 25 crianças. Cada uma especial à sua maneira”; “Quando nunca sabes qual batalha que vais enfrentar nesse dia (referindo-se aos desafios, como novos estudantes na turma ou prazos a cumprir); “Receber um salário que mal cobre as despesas básicas e gastar parte desse dinheiro em materiais para utilizar no trabalho”; “Estar sempre pronta para salvar o dia”. Essas “versões” pelas quais o docente transita ao longo de suas horas de trabalho tornam-se desgastantes e encontraram-se em muitas das vozes analisadas neste texto, como, por exemplo, o filme “O Substituto”, que, apesar de relatar a afetividade, também encenou muito bem o cansaço e o esgotamento da classe docente diante da tentativa de “salvar” os educandos.

O professor, que muitas vezes precisa assumir tantos outros papéis dentro do ambiente escolar, também se sente desencorajado e exaurido no final de sua jornada pedagógica. Nesse ponto fica evidente as nuances que há na profissão docente: se por um lado, esse profissional incentiva seus educandos e é, muitas vezes, fonte de acolhimento e inspiração; por outro lado, ele também enfrenta suas próprias batalhas e, nem

sempre, sente-se tão estimulado a continuar nessa luta.

Em suma, essas vozes que fazem parte do cotidiano (estão nas redes sociais, nos filmes e nos veículos de comunicação online), acabam constituindo uma visão do que é ser professor. No entanto, também suscitam no interlocutor uma série de outros questionamentos; perguntas essas que, para Selma Garrido Pimenta (Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - USP) e Maria Socorro Lucena Lima (Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará - UECE), estão, apesar de necessárias, ausentes dos programas das disciplinas de formação de professores:

O que significa ser profissional? Que profissional se quer formar? Qual a contribuição da área na construção da sociedade humana, de suas relações e de suas estruturas de poder e de dominação? Quais os nexos com o conhecimento científico produzido e em produção? (Lima; Pimenta, 2005-2006, p. 2).

Dessa forma, quando a disciplina de Estágio I em Línguas e Literaturas colocou o graduando no centro do processo educacional, possibilitou-se que esse futuro professor dialogasse com a multiplicidade de vozes que ecoam na sociedade; assumindo uma postura reflexiva e analítica, em um processo em que a teoria não têm um papel rígido e imutável, mas, sim, fornece instrumentos para interpretar as atividades pedagógicos de determinada instituição esco-

lar, ao mesmo tempo em que também acaba sendo questionada pela realidade que se observa:

[...] o papel das teorias é o de iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação, que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, se colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade (Lima; Pimenta, 2005-2006, p.8).

Essa é, portanto, a importância do estágio na formação acadêmica do docente: fazer com que, em meio a esse mosaico de sons, o futuro professor encontre as vozes que reverberam em seu coração, tendo mais clareza de sua identidade profissional e tornando-se, futuramente, aquele que, ao escutar, dá voz para que os educandos sejam escritores de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tamiris. Dia do professor: apesar dos desafios, 8 em cada 10 escolheriam a profissão de novo. **Futura**, 9 out. 2023. Disponível em: <<https://futura.frm.org.br/conteudo/professores/noticia/dia-do-professor-apesar-dos-desafios-8-em-cada-10-escolheriam>>. Acesso em: 19 fev. 2025.

CARBONARA, Vanderlei. “Saber ouvir” na hermenêutica filosófica de Gadamer: entre linguagem e ética. In: BOMBASSARO, Luiz Carlos; GOERGEN, Pedro; RAJOBAC, Raimundo (Org.). **Experiência**

formativa e reflexão: homenagem a Nadja Hermann. Caxias do Sul, RS: Educsc, 2016. E-book. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 19 fev. 2025.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poíesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2005-2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 19 fev. 2025.

O QUE é ser professor para você? **UOL**, 15 out. 2016. Disponível: <https://cultura.uol.com.br/noticias/167_o-que-e-ser-professor-para-voce.html>. Acesso em: 19 fev. 2025.

O SUBSTITUTO. Direção de Tony Kaye. Paper Street Films, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SRvJrxsrtsE>>. Acesso em: 19 fev. 2025.

VALÉRIO, Sílvia. **Ser professora é básico**. 18 maio 2024. Instagram: @a_minha_sala_de_aula. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7HI3oDsFmY/?img_index=1>. Acesso em 19 fev. 2025.